LISBOA — SEGUNDA-FEIRA, 13 DE JUNHO DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 58 — 10 CENTAVOS
Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE
Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO
Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.º
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Dibôa

A GREVE dos electricos tem muitos inconvenientes. Um dêles: um «restaurant», situado para as bandas da Estefania, reformou a sua lista de preços, aumentando-os duma maneira assustadora. Assim, dois ovos estrelados, crestados á portuguesa, custam agora qualquer coisa como catorze tostões, quando ainda há pouco, na mesmissima casa, se ingeriam por oito.

Interrogado o criado sobre êste aumento, S. Ex.ª, que é digno de todo o respeito e de todo o credito, relampejando os olhos de um odio contido, por tão insolita pregunta, afirmou, decidido:

— Dificuldade de comunicações.

— Entre a praça da Figueira e a Estefania! fizemos com espanto.

E ficámos pensando se os desditosos ovos, que a nossa algibeira inditosa tinha que pagar, seriam a metamorfose da libra, daquela libra que ainda há dias se obtinha por 40 papelacios escudos.

* * *

DOMINGOS Monteiro acaba de publicar um volume de versos intitulado — «Nau Errante», de que se ocupará brevemente o nosso critico literario.

* * *

CORRE, nos meios financeiros, que o governo deseja ouvir o Parlamento sobre o emprestimo de 50 milhões de dolares, embora pudesse dispensar-se disso, visto tratar-se duma operação de divida flutuante externa. Os proprios negociadores americanos teriam mostrado certo empenho em que tal se fizesse.

Trata-se de qualquer boato sem fundamento?

* * *

TÊM estado, entre nós, alguns estrangeiros, colhendo informações sobre a nossa situação economica, financeira e politica, a fim de poderem orientar os mercados externos sobre a latitude do nosso credito. Ainda que hajam trabalhado em silencio, parece que as suas impressões não nos são desfavoraveis. Demorar-se-hão até á abertura do Parlamento, para verem o que este resolve sobre impostos, indenisações alemãs, medidas de fomento e emprestimos, completando assim o seu inquerito.

* * *

UM amigo nosso, que conhece a Espanha, aonde vai frequentes vezes, disse-nos hoje o seguinte:

— «Um dos politicos de maior envergadura do paiz visinho é Lacierva, que luta para fazer triunfar o seu vasto plano de fomento, mas que encontra obstaculos de toda a casta da parte das oposições que se recusam a secundá-lo. Felizmente, que ele não é homem que se deixe vencer.

Se as suas iniciativas, como eu acredito, alcançarem a sanção do Parlamento, a Espanha irá saindo da terrivel crise que hoje oprime a sua industria — crise de que ela empiricamente se vem defendendo com altas taxas e sobretaxas, para diminuir as importações estrangeiras.

Nós fariamos muito bem, se não perdessemos de vista esta obra de defesa que, nalguns dos seus aspectos e incidentes, pode servir-nos de ensinamento».

CRIADORES DA ALEGRIA

Santo Antonio, dentro do claro sentido da vida que o povo português possue como uma musica preciosa contra as suas tristezas e decepções, é uma fonte de juventude que alimenta a nossa alma e o nosso culto do maravilhoso, evitando que Portugal se abisme no conhecimento da sua moderna grandesa.

Muitos dias temos nós, durante o ano, para darmos ao tedio, que roe os entusiasmos como a ferrugem o ferro, e para admirarmos os muitos homens que a celebridade arranca da peregrina noite dos seus sonhos povoados por gamelas e frigideiras civicas e patrioticas.

As revoluções ocupam-nos, muito, porque assentámos em que a conquista da liberdade seria para nós a razão maxima dalgumas digestões epicas sobre o mapa de Portugal. O calendario, salpicado de incendios e de heroes, não deixa margem para nos entregarmos á alegria sã que, sendo uma harmonia na vida sensorial, é principalmente uma expansão feliz de sentimentos e afectos.

Após tantas lutas fratricidas, nós ainda não conseguimos disfrutar uma só hora de paz e gloria que nos permita acreditar que o nosso destino nos chama para a exaltação do nosso proprio esforço.

Que ranger de dentes! Que raivas surdas!

Santo Antonio que no seu tempo, quando a fé cristã projectava as aspirações humanas nas estrelas e fazia destas os guias dos sedentos do Infinito, praticou o milagre com familiaridade, desde que a crença ingenua do povo o sagrou seu, divinisando-o com a lenda, antes ainda da Igreja o canonizar, passou o ser imedi atamente um dos maiores promotores da alegria nacional.

A devoção que o seu nome suscita, acordando nos moços um mundo de esperanças — as promessas floridas de venturas que não mentem — e nos velhos as recordações inextinguiveis dos dias em que os braços cruzaram os seus melhores abraços, exerce entre nós a mesma simpatica acção que o sol após as longas tormentas.

As turbas cantam, dançam, esquecem penas e cuidados, afastam para longe as imagens da universal tortura...

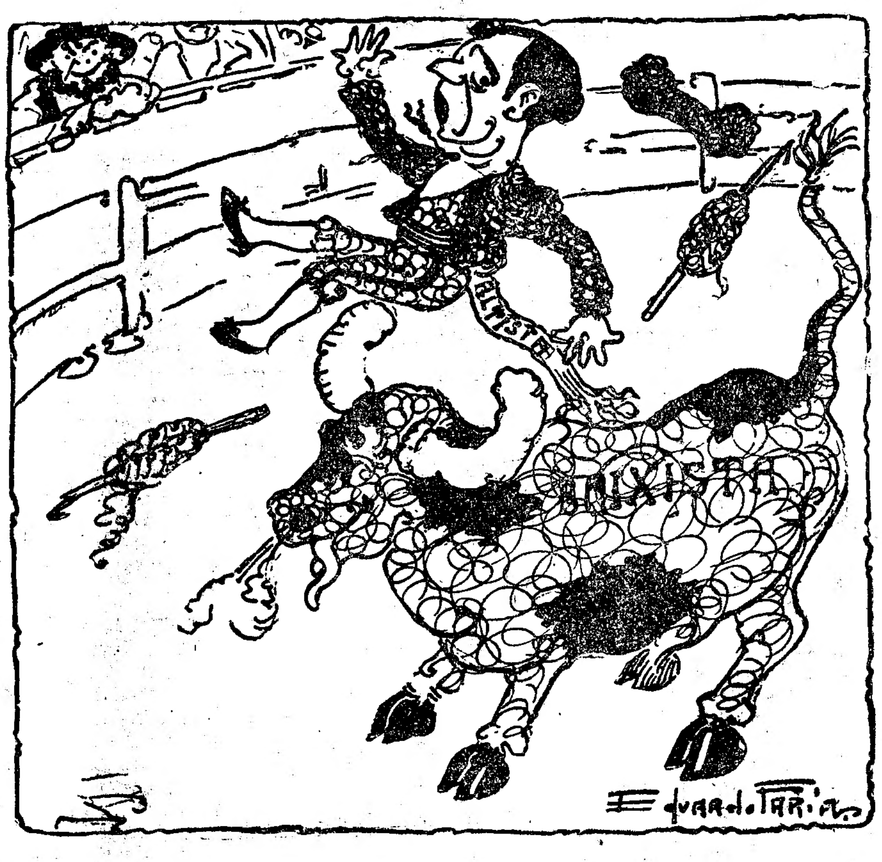
E como se opera este prodigio, numa terra em que os corvos e os milhafres entoam dia e noite o treno funebre do nosso engrandecimento pela desgraça?

E' que, sob a invocação de Santo Antonio, ergue-se um bando de pombas, mensageiras de piedade e ternura, de riso e de alegria, em que o povo encontra uma suave lição de persistencia no seu fervor pelo passado.

A religião dos nossos pais tem por si a confirmação de muitas maguas que a piedade converteu em estimulos de força e espirito.

E Santo Antonio é um nosso amigo de mais de oito seculos...

Um "cambio"



(Desenho de Eduardo Faria)

A colhida

O SECULO, que ainda há pouco elevou o seu preço de venda para $10, anda agora convidando o comercio para uma baixa geral de preços. Tudo leva a crer que o nosso presado colega não se feche na prudencia de Frei Tomás. Isto há de ser-lhe tanto mais facil, quanto é certo que é ele agora quem domina os cambios, fazendo deles uma especie de papagaio de papel.

Muito desejariamos que esta campanha de agora não venha a ter o mesmo exito da campanha pavorosa contra a tribu moageira, de que resultou, como presente para nós todos, o celebre pão João Luiz Ricardo, que era negro, indigerivel e rugoso como lixa.

* * *

ACERCA da influencia da mulher no cooperativismo, elevou a voz no recente congresso uma representante do sexo pseudo-fragil, que apresentou, entre outras, as seguintes conclusões:

«Que a mulher seja chamada a colaborar com o homem em todos os trabalhos de caracter cooperativista. Que a mulher procure completar a acção cooperativista do homem».

Todos nós desejariamos que se efectivassem tais deliberações. Sempre que a mulher não sabe completar a acção cooperativista do homem, estiola-se a alegria de viver em conjunto uma vida sã.

Simplesmente nos parece que compete aos homens desempenhar o papel de armazens reguladores desse cooperativismo especial.

* * *

É MUITO provavel, é quasi certo, que uma vez realizadas as eleições, sem inconvenientes de maior, se tratará da resurreição do antigo partido evolucionista.

O sr. dr. Julio Martins não se mostra avêsso a essa idéa, nem tampouco se importaria de pô-la em pratica.

Mas há quem diga que o sr. dr. Antonio Granjo, desejando libertar o partido liberal de determinados elementos, pensa tambem em apresentar aos seus amigos politicos uma plataforma semelhante.

Tudo quanto se escreva sobre este assunto, é um pouco prematuro.

O certo é que o partido liberal não conservará durante muito tempo a sua actual estructura.

* * *

O PORTO está privado de teatros. O comandante dos bombeiros não permite que se realizem espectaculos, em virtude da falta de agua. Não porque os actores estejam a pedir chuva. Por temor de qualquer terrivel incendio que reduza a torresmos teatro, espectadores e artistas.

Têm pouca sorte os portuenses. Pouca sorte e nenhuma previdencia.

Podiam muito bem ter já adquirido como nós um extintor marca Carlos Pereira — infalivel na falta de agua.

* * *

DEVIDO á grande crise industrial por que passam os Estados Unidos, têm diminuido, nos ultimos meses, as remessas de dolares que, como todos sabem, representam oiro de que tanto carecemos.

CRONICA LITERARIA

Alguns novos livros brasileiros

Rodrigo Octavio: "Felisberto Caldeira"—Homero Prates: "No jardim dos Idolos e das Rosas"—Mateus de Albuquerque: "Sensações e Reflexões", "Visionario"—Afranio Peixoto e Constancio Alves: "Castro Alves"

A furia dos nativistas fluminenses contra Portugal não consegue perturbar, antes como que acentua dia a dia, as boas relações e afectuosa camaradagem dos escritores brasileiros e portugueses. Sintoma de alto valor, que é necessario registar—porque no dia em que de facto se estabelecer um seguro cordeal e permanente entendimento literario e artistico entre os dois paises, a aproximação luso-brasileira terá triunfado, definitivamente, de todos os seus inimigos, aliás mais ridiculos do que perigosos.

Para esse entendimento se caminha rapidamente, graças a Deus! E disso é prova a serie de livros brasileiros que estão sendo editados em Lisboa e Porto, assim como a carinhosa oferta de volumes publicados no Brasil aos criticos e aos homens de letras portugueses.

Aqui tenho eu, sobre a minha mesa de trabalho, cinco livros de brasileiros ilustres e consagrados, quatro dos quais editados por livrarias nossas—a casa «Aillaud e «Bertrand», e a «Sociedade Portugal-Brasil». Do Rio chega-me o poema de Homero Pontes, maravilhosamente impresso—como de resto o merecem os versos desse joven Poeta.

Todas estas obras são dignas de longos e meticulosos estudos. Mas eu quero apenas chamar para elas a atenção dos leitores, em rapidas palavras sem pretensão, nem analise...

«Felisberto Caldeira» é a narrativa romantisada dum episodio celebre da historia da nossa colonisação no Brasil. O seu assunto, mais do que a vida do aventureiro e generoso Felisberto, é a historia da descoberta das «minas» de diamantes—e das lutas de ambição que á volta desse facto sensacional, como nós diriamos agora, se travaram, e se densenrolaram, com inaudita violencia e violenta cubiça. Rodrigo Octavio evoca-nos essa época, ardua e longinqua, eruditamente—e, no entanto, sem didactismos que pezem, nem pedantices de historiador feito á pressa. Antes com uma frescura de visão e de emoção, com uma leveza de tintas, com uma expontaneidade de estilo, que dão a essa «cronica dos tempos coloniais» o valor duma ressurreição de factos, de costumes e da psicologia dos personagens. Para nós, portugueses, «Felisberto Caldeira», tem ainda o interesse especialissimo de nos desvendar um aspecto importante da acção lusitana do Brasil, no momento em que o reino, esgotado de recursos proprios, ao Brasil ia buscar e extorquir todo o oiro necessario ao desvario megalomano de D. João V. E, ao mesmo tempo, mostra-nos, num quadro de incomparavel e exacta harmonia de tons e de movimento, o valor e o significado da iniciativa inteligente e ouzada que os nossos antepassados desenvolveram em terras de Santa Cruz, desbravando o sertão ignorado, criando cidades, organisando emprezas, e semeando, por assim dizer, nesse vasto e fecundo territorio, o espirito de independencia e liberdade que em 1822 desabrocharia com tão nobre vigor.

Tudo isto nos sugere o admiravel livro de Rodrigo Octavio, que nem como romancista—ele que, como jurisconsulto eminente, sempre demonstrou o seu lusofilismo—deixa de revelar o seu grande amor a Portugal...

Lusofilo é tambem o poeta Homero Pontes, muito querido do meu coração e da minha inteligencia. Mas não é, evidentemente, nesse seu lindo livro de versos «No Jardim dos Idolos e das Rosas», que pode provar esse seu afecto por nós... Poema de vastas e elevadas ambições, o «Jardim dos Idolos e das Rosas» é como que a perfeita e completa confissão da alma sincera e ardente do pensador maeterlinkiano dos «Paraisos Interiores».

Nesse livro—

«alado e subtil, Ariel, com mãos radiosas»

tece um maravilhoso *fresco* de paisagens psiquicas, em que tudo existe *para além do horizonte normal da existencia*. Na propria *Balada da vida*, não é a vida que Homero Pontes canta e exalta; mas, unicamente, a *clo-sencia do sonho*, o *aroma de tudo quanto é belo e imortal*, o que o poeta chama, com feliz e rara expressão, a «carne virginal da vida...» Talvez a aspiração do autor fosse escrever uma epopeia do Ideal—e assim o dá a entender no «Canto Heroico» que abre o volume encantador. Eu creio—e nisso está, para mim, o melhor elogio da obra—que o seu profundo e veemente lirismo e o misticismo invencivel do seu pensamento, em que se casam harmoniosamente uma ancidade de beleza pagã e uma suavidade de ternura cristianissima, fazem do «Jardim dos Idolos e das Rosas», um longo e ritmico clamor de angustia de perfeição, e nunca uma epopeia do idealismo triunfante. Em cada verso batem azas sedentas de espaço livre, é certo. Mas sente-se tambem o doloroso e aspero afiar de garras fortes, tristes só de não encontrarem uma realidade digna do seu vibrante gesto de posse...

Os livros de Mateus de Albuquerque levam-nos quasi ao polo contrario desta sensibilidade deliciosamente contraditoria. Mateus de Albuquerque é, mesmo no «Visionario», um temperamento heroico e panteista:

> «E dessa embriaguez dos elementos suaves,
> «Do limpido frescor desta festa pagã,
> «Uma parcela errante e alada como as aves
> «—Fez-me da muda treva idilica manhã...»

A critica brasileira e portuguesa recebeu o «Visionario» com os aplausos e os louvores merecidos. Silvio Romero, grande espirito, critico notabilissimo e genial, deu a esse volume a consagração definitiva, dizendo esta frase justa: «são versos de ouro, versos que merecem beijos...»

Frase justa, na verdade. Porque merecem beijos, realmente, estes poemas dum visionario que amassa as suas visões com seivas, sangue, florescencias, primaveras brotando, madrugadas abrindo sobre o deslumbramento juvenil do mundo...

Mas este visionario é tambem um critico meticuloso e arguto. «Sensações e Reflexões» dão-nos a medida do seu saber e do seu poder de analise. A politica e as letras chamam particularmente a sua atenção. Não nos é possivel apurar ou reprovar os seus pontos de vista sobre os defeitos e erros da vida social do seu paiz. Mas, na sua prosa clara, sugestiva, em que a ironia a todo o instante acompanha a expansão do entusiasmo patriotico, todas as ideias nos parecem exactas e verdadeiras. O que ele escreve de Rio Branco e de Nilo Peçanha é, de resto, a pura verdade, assim como o que nos diz de Graça Aranha e de Euclides da Cunha. Criticando ou elogiando, de resto, Mateus de Albuquerque dá-nos sempre provas da independencia do seu espirito, e do vigor da sua inteligencia. Caso raro num poeta, tão profundamente e visceralmente poeta...

Um capitulo de «Sensações e Reflexões» intitulado «Embaixadas»—merece leitura especial na nossa terra, nesta hora de tão aguda controversia entre os nativistas d'aquem e d'alem-mar. E' um preito de justiça a Portugal, que muito nos honra, honrando o seu autor, que mais uma vez afirma assim o belo equilibrio da sua mentalidade e da sua cultura.

Para terminar esta cronica—de proposito guardei a referencia ao segundo volume da «Antologia Brasileira», organisada por Afranio Peixoto e Constancio Alves. Compreende esse volume as obras escolhidas de Castro Alves, o grande poeta brasileiro, que Afranio Peixoto compára ao nosso Junqueiro: «Portugal só possue um moderno poeta social, de envergadura de Castro Alves, brasileiro e ariano como os portugueses mais afinados e nobres». Comparação certissima. Castro Alves—anterior, aliáz, a Junqueiro—é um vate de genio, e a sua obra uma obra de imorredoira grandeza, apesar de ter apenas vivido vinte e quatro anos. A escôlha dos seus poemas, reunidos no volume que tenho presente, é optima.

Deixa-nos a ideia completa do valor e da originalidade do poeta, e do sentido nacional e social da sua obra. Nem outra coisa era de esperar da competencia de Constancio Alves e de Afranio Peixoto—de Afranio Peixoto que, ligando o seu nome ilustre e celebre a esta iniciativa de duas livrarias portuguesas (a Livraria Aillaud e a livraria Lello) mais uma vez nos quiz dizer que a sua devoção a Portuga e o seu esforço admiravel a favor da aproximação luso-brasileira, não é uma atitude platonica e meramente sentimental. Mas obedece a um claro e proficuo plano de actividade consciente, ao qual tanto devemos já, como o reconhecem os portugueses do Brasil, como é necessario que o reconheçam todos os portuguese daqui, para que o nome do romancista eminente seja sempre dos primeiros a despertar a simpatia e a gratidão lusitanas.

João de Barros

CRONICA FINANCEIRA

A baixa do cambio no Brasil

O retraímento do credito e a diminuição do consumo—A moratoria e a emissão de papel-moeda—Um emprestimo de vinte e cinco milhões de dollars—A atitude dos banqueiros americanos e o café

Conforme prometeramos na cronica passada, vamos resumir em poucas linhas o que houve sobre uma falada moratoria, indicada como remedio para a baixa do cambio.

Primeiro importa saber que o mal-estar do comercio brasileiro resulta principalmente do retraimento do credito e da diminuição do consumo. A' medida que os capitais escasseiam, a taxa eleva-se, restringindo-se a possibilidade dos descontos. Reduzem-se as vendas, dificultam-se as cobranças.

Mas nem a moratoria nem a emissão de papel moeda são remedios para esse mal. Uma e outra dariam resultados contrarios, concorrendo para deprimir ainda mais o cambio, retrair o credito, dificultar a circulação dos capitais expressos em numerario e dos produtos.

Para uma crise comercial com todos os seus carateristicos, corrida aos bancos, suspensão da restituição dos depositos, e consequentemente a suspensão dos pagamentos no comercio, completo abalo da confiança, absoluta cessação de todo o movimento dos negocios, o unico remedio é a moratoria, para cortar as falencias, impedir subitamente o desmoronamento do aparelho comercial. Nesses momentos, fará tambem actuar com beneficio uma comissão fiduciaria, que fóra disso, só se justifica, antes da inflação, se os negocios progridem e se desenvolve a produção, em epocas de expansão portanto, e não de depressão economica.

Manifestações parciais de crise devem curar-se com providencias atinentes á especie de factos que as determinam.

No caso actual a baixa do cambio é a causa imediata das perturbações que se notam na praça brasileira: o remedio a indicar tem de ser um correctivo cambial.

O Brasil compreendeu isto mesmo, e não demorou a sua alteração sobre a moratoria de que a imprensa se fez eco.

Muito acertadamente dirigiu as suas vistas para o agravamento dos seus cambios, o Banco do Brasil chamou uma competencia para dirigir a sua carteira cambial, fez uma nova emissão, e em tudo se pensa no Brasil menos numa moratoria que nada remediando nada justificaria.

O emprestimo brasileiro nos Estados Unidos

Foi emitido ultimamente em New York, com grande sucesso, um emprestimo de 25 milhões de dollars, parte de 50 milhões, em obrigações de 8 %, amortizaveis em 25 anos.

A principio os banqueiros americanos recusaram avançar fundos ao Brasil, que reputavam servir para uma valorização do café, o que seria, pensavam eles, fornecer aos seus fornecedores os meios de provocar as altas dum artigo que tão grande consumo tem nos Estados Unidos. Chegou a supor-se a ideia do emprestimo abandonada, e agora recebeu-se a noticia de que o contracto fôra assinado e a operação coberta de sucesso. O governo brasileiro pode assim fazer face ás dificuldades mais graves e mais urgentes. Se o cambio parece não ter beneficiado imediatamente é porque os recursos da operação tinham sido já descontados.

Conseguiu-se, porém, a continuação da baixa. E como a cotação do café sobe, o cambio não tardará a melhorar.

Termas das Caldas de Canavezes
(A 2 quilometros da estação da Livração, Caldas de Canavezes, na linha do Douro)
CONDUÇÃO ÁS TERMAS EM AUTOMOVEIS
As mais ricas da peninsula em arsenio e as unicas aguas sulfurosas arsenicais do país para tratamento das doenças de pele, bronquites, laringites, sifilis, reumatismo, gôta, etc.
ABERTO DE 1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO
Inhalações, pulverizações, douches nasais, irrigações e fricções—Banhos de imersão e douches—Grande Hotel—Parque, casino, mata e passeios no rio—Excelente de vistas deslumbrantes—Iluminação electrica—TRATAMENTO—DESCANÇO—TURISMO.
Endereço telegrafico — CALVEZES-MARCO
Escritorios: (Nas termas.
(Em Lisboa — R. de S. Nicolau, 88, 2.°

LENHAS
Cortadas para fogão e postas á porta do comprador
Cêpa, azinho e sobro, secos a 100$00 a tonelada. Pinho a 90$00 a tonelada. Peso garantido.
Rua da Junqueira, 200
Telefone C. 1662

ARTE & LETRAS

O NOSSO INQUERITO

A peça "Adão e Eva" de Jaime Cortezão

Entretanto, Marcos pregunta a Suzana se ela é solidaria com o pai. Bestialmente, convida-a mesmo ali a escolher. Eva, vacilante, exclama: «Meu pai! Marcos! Não sei! Que tortura! Querem matar-me-» E, nesta altura, entra o conego que vem anunciar que Justino foi perigosamente ferido. Agora choram. Marcos comenta: «Eu a dizer-lhe... «Vem tropa para prender Marcos. Era de esperar. Domingos, alucinado, quere entregá-lo. Marcos, porêm, bota ainda algumas filosofias: «Seu filho morre ás suas mãos...» e vai, depois desta brutalidade, entregar-se ele proprio aos captores, Domingos tornava a chorar: «Meu filho! Que é dele?! Que é de mim?!... Que vai ser de nós?!» Suzana, que havia fechado os olhos por um bocadinho, abre-os então e pregunta, tragicamente espavorida: «Marcos! Marcos! Onde está ele?!...

Estamos no fim do segundo acto e encontramo-nos numa grande perplexidade.

Marcos foi preso por fatalidade ou deixou-se voluntariamente encarcerar por ter fome e sêde de martirio? Não está na peça indicada esta hipotese. Pelo contrario, Marcos não repele totalmente a idéa de se deixar salvar. Então para que foi meter-se na bôca do lobo?

Daqui não sai idéa que preste. Não se sabe o que Marcos quere e nem ele proprio o sabe. Tudo quanto diz são coisas secundarias, sem carácter definido, acessorias e comuns a toda a raça de doutrinas. Partimos da suspeita de que ele era um socialista e a suspeita, embora avolumada, ainda não teve confirmação decisiva. Quer sendo frase a frase, episodio a episodio, quer olhando no conjunto, a sucessão e conjugação de todos eles, não se apura de substancial. Fragmentos de idéas feitas, sem ligação, sem concordancia, sem a subordinação inteligente a um plano. E' necessario até — nesta sofrega rebusca das idéas — ir arrancar as coisas á insignificancia em que jazem dentro da peça, avolumá-las para as tornar susceptiveis de discussão.

De toda aquela amalgama, mantem-se, embora sem vulto, o caso já sabido de Marcos ser contrariado nos seus amores com Suzana, por irreductivel incompatibilidade com as idéas do pai desta.

Mas é os diabos! Quais idéas?!... Isto é uma «scie» horripilante: as idéas! as idéas! Que idéas tem Domingos? Quais? Que soluções adopta para os magnos problemas que agitam a humanidade? Não quere que lhe roubem a carteira. E pronto. Aquilo não é um burguês, é um alarve. Denuncia-se logo no começo da peça, oferecendo charutos ao cunhado: «São bons. Caros, mas bons». Depois, grosseiramente, fala de negocios que deixam seiscentos por cento pelo menos... Isto aparece ali metido á fôrça, de chofre, para a gente saber de quem se trata. E' uma etiqueta no peito de um boneco.

Domingos é um novo-rico de caricatura. Mas o novo-rico não é o burguês. E' um arrivista, saido exactamente da classe social, que esta peça mais claramente lisonjeia. (O novo-rico vindo da classe media já era burguês antes de ser rico). Os seus ridiculos, os seus defeitos, as suas vilanias são todas de origem popular. Do burguês não tem nem as virtudes, nem os vicios.

Pôr aquele manipanso a representar a sociedade burguesa, a sua moral, a sua cultura, o espirito das suas instituições e o metodo dos seus sistemas, seria desmarcada deslealdade, se antes não resultasse, como eu creio, de uma grande insuficiencia.

Vejamos o terceiro acto. E' a madrugada do dia seguinte. Marcos, preso, recebe a visita do conego. Justino, no hospital, tem a vida por um fio e quere ver o agitador, cujos conselhos lamenta não ter seguido. Este repete o estribilho: «Não se quiz fiar!...» Fala-se de gratidão e de ingratidão. Marcos é pela ingratidão. Não quere receber Domingos, por quem sente repulsa, por este o ter querido entregar á prisão. O conego, porêm, leva-o a condescender e tem este rasgo, que é o resumo de toda a sua filosofia: «Estás na prisão. Porventura espera-te o desterro. Deves evitá-lo a todo o custo. Sabe-o: nem preso nem cativo tem amigo. Quando a roda da fortuna começa a desandar, convem pará-la a todo o preço».

Vem Domingos do hospital. Justino, com uma bala perto do coração, no seu leito de agonia, no limiar da morte, abdica de tudo e chama por Marcos repetidas vezes!... Se ele fôr lá, ainda é possivel salvá-lo!... Será isto defensavel scientificamente por via da hipertensão?... Pois que seja. Mas querem mais inverosimil miseria moral, maior mariquice do que a daquele moribundo?

A salvação deste começa a ser ali negociada da seguinte forma: Domingos pediu ao ministro a libertação de Marcos. O ministro acedeu, mas com a condição do agitador renegar publicamente as suas idéas. Esta é de cabo de ordens!... Então, que especie de ministro é aquele que vai dar a liberdade a um homem que entrou numa revolução armada, se ele consentir em determinada negação de fé? Isto é a imersão chapada de todo o direito moderno — e antigo — a destruição da propria razão de ser das sociedades actuais. Relevar os «actos» de crime, coagir a liberdade das idéas. Abjura ou morres!... E não está isto lá em sentido figurado, está muito explicito! A abjuração havia de ser feita publicamente, para o estrangeiro ver e para a desopilante edificação das gentes.

E' bem de molde das outras personagens, este piramidal ministro, que se dá tu cá, tu lá com o paspalho do Domingos. Vê-se que saiu da mesma olaria. Mas, aceitemos mais esta insensatez. E' um chorrilho. Temos que fingir que não vemos a maior parte delas. E ás que vemos e notamos, para podermos prosseguir, temos de fazer constantes concessões. Façamo-las pois de cara alegre e vamos a ver o que é que sai daqui.

Além da liberdade, Domingos oferece a filha ao recluso e dinheiro para irem os dois ao estrangeiro. Marcos recusa. Querem-lhe feirar a consciencia. Pede que não lhe falem em Suzana. Tem um gesto de horror desvairado... (E' da rubrica). Diz frases imensas. Domingos pede-lhe perdão, chora, suplica-lhe que vá salvar o filho. Em resposta, Marcos arruma-lhe um discurso. O infausto pai amaldiçôa-o e sai.

Ficam outra vez o conego e o revolucionario. E' nesta scena que estão os mais belos trechos oratorios da peça. Cada frase encobre menos o sentido de cada afirmação. Procuremos, porêm, o sentido geral da scena inteira.

Marcos crê em Deus, um Deus que está dentro dele e que lhe ordena o sacrificio do proximo como o de si mesmo. Renega a piedade, que perde os salvadores e impede a salvação. Confessa-se cristão, mas condena a resignação e a renuncia. Cristão, pela unção mistica da fé, cristão, pelas convicções do entendimento? Vão lá saber!... Como se há de compreender um cristão que renega na sua essencia a propria doutrina de Jesus? Para Marcos, Cristo é o ardente revoltado contra o tempo em que viveu e o Calvario o mais sublime exemplo de revolta. Nenhuma vasta aspiração social o satisfaz quando não atinja a grandeza livre e generosa do puro ideal cristão. Qual puro ideal cristão? O de Cristo? Então não é o de Marcos. E o dêste? Então não é o puro ideal de Cristo.

«O que é a vida?! Que somos nós?!» pregunta metafisicamente este louco paradoxal. Todo o seu esforço vai consistir em realizar uma vida nova que alvorece e á qual ele pertence. Que vida nova? Uma vida, por exemplo, de aperfeiçoamento moral? Neste caso, qual é o seu conceito de perfeição moral? Não vimos nenhum.

Diz que é preciso fazer a revolução nas almas. Qual revolução? Para o triunfo de qual idéa mãe? Não sabemos. Trata-se de semear a Palavra. Há de ser fresca a sementeira, com semeadores que não têm para lançar á terra senão as cascas da semente.

E não esqueçamos de que tudo isto vem a proposito de Justino, que está no hospital, á morte, e que, talvez, se salvasse, se Marcos o fosse lá ver. Mas este não quere, não pode, não deve abjurar daquelas idéas todas que já vimos. E o conego, perdidas as esperanças, sai da cadeia, indignado por terem abusado tanto da sua estupidez.

A seguir, vem Suzana, que entra de repelão. Vem exigir-lhe a vida do irmão. Marcos increpa-o por ela o não compreender. Afirma-lhe que estremece Justino, que no dia da revolução fugiu para o não matar. Mas não pode, por causa das idéas. Suzana chama-lhe fera, odeia-o, quere fugir. Ele então não deixa. Chegou a sua vez. Quere obrigá-la a compreender... Discursa. Tem-se a impressão de que anda no vacuo, ás cambalhotas. Suzana penaliza-se e ele recusa a sua piedade. Não abdica da sua fé. Se o Justino soubesse disso, ficaria decerto confortado. Fala na alegria do sacrificio, na elevação da sua cruz, no seu orgulho que canta e ri sobre o Calvario.

Suzana, compreende então perfeitamente. Iluminada, num frenesi de dôr e de alegria (é da rubrica), exclama: «Não digas mais!» Que o ama, que vai com ele para o degredo, mas antes vai ao hospital dizer tudo aquilo ao Justino, para o salvar.

Ficam a olhar-se, face a face, a voz cortada de emoção. (E' da rubrica). E' o momento de amor. Como nas scenas anteriores, variadas entre estes dois progenitores universais, não se vislumbra nem sexo, nem coração, nem pensamento. «Words»... «Eis-nos emfim sob a arvore da vida. Somos Adão e Eva pisando a terra virgem. O Paraiso está nas nossas almas».

E acaba assim a peça, com uma noção de psicologia elementar, que não é corolario de nenhuma demonstração, que não tem pontos de referencia que possam engrandecer-lhe o significado.

Marcos, estudado atravez dos três actos, põe a nu uma vacuidade que não há roupagem verbal, por mais faustosa, que seja capaz de a vestir. E', porventura, um socialista e o seu presumivel socialismo é no final traduzido num incoerente espiritualismo, que de certo modo lhe é contrario, ou que pelo menos lhe é estranho. Diz-se cristão, mas renega o Mestre até aos limites da sua lição humana.

Da peça não fica nada. O seu assunto mais constante — embora não predominante — o caso amoroso, é exposto e concluido com tão pouco vigor, com tal pobreza de emoção, com tamanha ausencia de verdade e de sentido, que é uma verdadeira heresia pôr na peça, por amor dele, o belo titulo que a peça tem.

Esta obra é a negação total de toda a arte de teatro. Os seus três actos, sem graduações, sem uma cambiante de expressão, são a propria monotonia. Não tem um unico pormenor, cuja verdade expontanea, cujo sentimento natural se transfunda e nos prenda a atenção. Como nada nos interessa e nada se comunica, tudo aquilo resulta despropositado. Os seus três actos são uma tempestade num copo de agua.

E' um esforço doloroso andar no meio daquele montão de coisas desorientadas, á procura de significações, sem uma linha de concatenação, sem um fio condutor do raciocinio. E, realizada por fim, atravez de uma fadiga insuportavel, tarefa tão baça e tão ingloria, chegamos a esta conclusão calamitosa: Adão e Eva, peça de idéas, nem é peça nem tem idéas.

Rodrigues Alves

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no

ESCRIPTORIO FORENSE

R. do Carmo, 35, 2.º

N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

Sociedade Comercial Portuguesa de Publicações e Telegrafia, L.da

CAPITAL 100:000$00

SEDE — Largo de S. Domingos, 11 — Telefone 5351 C. — LISBOA

SUCURSAL EM LISBOA—(Exposições e Vendas), Rua Aurea, 146, 1.º

Secção de Livraria — Concessionaria das Bibliotecas nos Caminhos de Ferro do [illegible] presentante dos principais editores europeus e americanos. = *Secção de Publicações* — [illegible] prietaria das MESSAGERIES DE LA PRESSE FRANÇAISE, assinaturas e venda de toda [illegible] de jornais e figurinos de alta moda. Envios para a provincia. = *Secção de Telegrafia* — [illegible] prietaria das Agencias Telegraficas, RADIO e UNITED PRESS. — *Secção de Publicidade* — Anuncios, eclames e propaganda artistica aos jornais portugueses e estrangeiros. = *Secção Comercial* — Concessionaria da Fabrica de Lampadas Electricas HERCULES, do Porto — Ampolas [illegible] aboratorios, importação e exportação.

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

A's cinco horas nunca me apetece chá, é só ás cinco e meia, e apesar disso quasi sempre tomo café. Quero dizer, é conforme o sitio. Hontem, ás cinco e meia, quando me apeteceu tomar chá estava eu num camion substituto de electrico fechado pró Dafundo, e pensando melhor era café que me apetecia. Ha dias, quando ainda cá estavam os congressistas estrangeiros, veiu-me ás cinco e meia precisas um apetite estranho de misturar o chá com café, e já se falava na greve dos electricos. Estava eu em S. Pedro d'Alcantara a ver, de cima para baixo, o significado de «garden-party». mas só serviam separados e era necessario ter bilhete d'entrada. Já tinham dado cinco e meia. Fui tomar um electrico que me fez a impressão de andar a pensar em aumentos e logo me cheirou a proximo camion com escadinha atraz até ao Almirante Reis. Já era, sem duvida, um bom café o que me estava a apetecer, mas a guarda republicana tinha as patrulhas reforçadas quando me apeei no Camões.

Já uma vez entornei sem querer um bule de chá por cima dos Lusiadas e ficou muito melhor. Era chá de tilia por causa do nervoso. As folhas pareciam de pergaminho velho e as letras não esborrataram. Eu andava nervosissimo por causa das leituras, o medico disse-me para pôr de parte o café e que andasse bastante a pé. Eu gosto muito de andar a pé por entre as linhas dos electricos, mas no largo das Duas Egrejas as linhas dos electricos acabam defronte da Garrett. Garrett rima com café, comtudo, nunca me apeteceu café na Garrett, foi sempre chá. Com bolos e sexteto. Tocam lindamente. Agora é que é menos frequentada por causa da greve dos electricos e mesmo assim ha lá um «fox-trot» divino e servem sempre muito bem. Não é verdade que não apetece café na Garrett? Nunca ouvi o «Frei Luiz de Souza». A primeira vez que fôr no cartaz do Nacional não falto, se já houver electricos. Gosto mais do chá preto daqui que do verde, ainda que ha quem diga que para tomar chá preto é melhor tomar café. Em Inglaterra bebe-se muito chá, principalmente as senhoras, e o chá lá é muito bom. Por cima dos electricos ha uns cartazes compridos anunciando o melhor chá do mundo. E' uma odalisca toda nua com uma chavena de chá a fumegar, muito bem feito. Em Inglaterra, ás cinco horas está tudo sentado a tomar chá. E' da religião dos ingleses, até se chama «five ó clok tea».

José de Almada Negreiros.

MÁ-LINGUA

EMIGRANTES

(peça em 4 actos de Tito Arantes)

N.—Noticiam os jornais que Amelia Rey Colaço, por não ter teatro em Lisboa, irá fazer uma «tournée» pela provincia.

O meu joven amigo Tito Arantes
deu feliz expressão ao seu talento
escrevendo com arte e sentimento
uma bonita peça, os Emigrantes.

No Teatro Nacional—onde os mandantes
ditam as leis conforme sopra o vento—
aceitaram-lhe a obra num momento
com promessas e aplausos cativantes.

Ia a Amelia levá-la em festa artistica;
eis que surge uma dama cabalistica,
arma uma trapalhada, etc., etc.

E agora, sem poder representar,
lá tem a minha prima que tomar
o titulo da peça ao pé da letra!

Taço.

Malas postais

Pelo «Gil Eanes» são ámanhã expedidas malas postais para a Madeira e Açores, sendo ás 13 horas a ultima tiragem na caixa geral.

UMA JOIA LITERARIA

"DANÇAS DE RODA"

Versos de Fernanda de Castro

Este livrinho de versos divide-se em duas partes, servindo a primeira para justificar o titulo, pois que, em redondilhas ligeiras e graciosas, a aldeia se debuxa na sua alma primeva e encantada, enfeitando-se com cravos e rosas, perfumando-se a rosmaninho, sonhando com a lenda e a tradição e dansando num velho ritmo em que se pressente ainda a natureza ensaiando-se para conquistar pelo amor e pela graça a liberdade de ser estrofe, poe-ma e canto.

Fernanda de Castro

A segunda compõe-se quasi só de sonetos, em nervosos e pulcros endecasilabos, e traz este titulo de fulgurantes tentações —*Amor*.

Fernanda de Castro possue o sentido do pitoresco, a arte simples e gentil que sabe surpreender nos rusticos aquela poesia que não é mais que uma vibração humana de tudo o que se enamora, murmura e sorri, nas ramarias, nas fontes, nos jardins e nos pomares. As radencias lentas e mortais do fado expandem fulgores mouriscos, nalgumas das suas quadras.

Mas como é natural, a poetisa do *Antemanhã* não quiz unicamente evocar aos nossos olhos a ronda dos pares campesinos, as bailatas dos arraiais em que o problema dos sexos se converte num problema de côr, movimento e harmonia, sendo os corpos os incendiarios das selvas virgens do desejo.

De cantora das bucolicas silvestres passou a ouvir as revelações do misterio que no seu coração busca fazer-se a voz do seu destino, segundo os ritos e as melodias da religião dos sentidos. O seu sonho desprende-se do barro que o subjuga para voar largo e alto, até sob a luz das estrelas se tornar mais claro que as palavras dum augur.

> A's vezes, quando a noite vem caindo,
> Tranquilamente, socegadamente,
> Encosto-me á janela e vou seguindo
> A curva melancolica do Poente.

Esta quadra, que arrancámos do lindo poemeto *Meditação*, define admiravelmente o seu caso sentimental—Fernanda de Castro interroga as coisas, para se conhecer a si propria.

Sabe que ha uma mensagem para ela, entre os enigmas que a sua curiosidade pretende adivinhar.

O importante está em recebê-la dos braços da sua musa. No meio das notas varias por que se traduz a sua emoção, calma á força de saber esculpir-se com belesa, destaca-se o soneto *Resignação:*

> Se a vida fosse a imagem mais perfeita
> Da Beleza e da Graça reunidas,
> Se fos e para as almas confrangidas,
> Uma quimera sempre satisfeita,
>
> Se em vez duma desgraça que se aceita,
> Cantando o tempo e as ilusões perdidas
> Fosse nas horas longas, doloridas,
> A sagrada ilusão que mais deleita,
>
> Se fizesse das lagrimas venturas,
> Se transformasse em beijos amarguras,
> Em suavidade e amor, acesas lavas,
>
> Teria a vida um gosto mais divino...
> Sómente eu choraria o meu destino,
> Porque tu, meu amor, tambem mudavas!

Não cometeremos um exagero, dizendo que a fé ardente que inspirou estas estancias é qualquer coisa de perfeito, fóra da orquestração banal dos suspiros que nascem e morrem nos poemas como as canções nas bocas das Sirenas. O livrinho fecha com o soneto — *Fim* que denota um começo de desilusão, derivada da rapidez com que o amor se deixa vencer pelo tempo, emquanto tudo persiste sem mudança.

Não nos diz Fernanda de Castro se isto lhe provoca tristeza ou indiferença, ficando assim o leitor intrigado sobre tal reserva da sua sensibilidade.

Afigura-se-nos, porém, que este *Fim* vai ser o ponto de partida de nova jornada, num proximo futuro volume, em roda do seu coração.

Glaucias.

Marinha mercante

Vai ser ampliado o praso para a apresentação de alguns trabalhos que devem ser estudados pela grande comissão

Em virtude do muito trabalho e da complexidade dos assuntos que tem a tratar a grande comissão de legislação da marinha mercante, parece que vai ser ampliado o praso para a apresentação dos referidos trabalhos.

O que devia ser a acção das juventudes monarquicas

Um esclarecimento

O *Diario de Lisboa* publicou, no seu numero de sabado, uma entrevista com o sr. D. Luiz Alcaçovas, visconde do Torrão. Escreve-nos o nosso entrevistado dizendo que não se referiu á questão dinastica, mas sim á de sucessão e que as juventudes monarquicas que ele fundou foram conservadoras e não catolicas.

MANUEL DE SOUSA PINTO

Este ilustre critico de arte vai repetir no Porto a sua conferencia "Os três Bordalos"

Um grupo de admiradores da obra de Rafael Bordalo Pinheiro convidou o nosso brilhante colaborador sr. dr. Manuel de Sousa Pinto a repetir, no Ateneu Comercial do Porto, depois de ámanhã, a sua conferencia «Os três Bordalos». O nosso prezado colaborador parte ámanhã para a capital do norte. A conferencia «Os tres Bordalos» aparecerá brevemente á venda em edição cuidada de Pedro Bordalo Pinheiro.

Conselho de ministros

Administração publica e subsistencias

O conselho de ministros reuniu-se hoje, na secretaria das colonias, ocupando-se, entre outros, de assuntos de administração publica e de subsistencias.

Notas Mundanas

A caridade

«No Parque Valenças»:

Nunca mais se apagará da nossa memoria a encantadora noite de sabado, passada no suntuoso parque dos srs. condes de Valenças, onde teve lugar a mais bela e original festa de caridade dos ultimos tempos.

A situação em que se encontra o parque, com os seus magnificos canteiros cheios de verdura, os seus espessos arvoredos, a sua magnica lagôa, com a sua ponte de madeira, e mil atractivos que encerra essa magestosa propriedade, que tem no topo superior a imponente vivenda dos ilustres titulares, encontrava-se na noite de sabado artistica e profusamente iluminada a luz electrica que produzia um efeito surpreendente. Logo á entrada tinhamos o recinto do «carroussel», esse divertimento tão caracterisco dos feitos com o seu tradicional acompanhamento a gaita de foles, mais alêm, no outro lado do palacio, em uma extensa clareira, a fogueira, onde um gentil grupo de meninas e de rapazes, elas vestindo á moda do Minho e eles á saloia, se fizeram ouvir em descantes e danças populares, na parte superior desse recinto estava armado um trono em que se via por entre verdura e lumes a imagem de Santo Antonio; aí vendia cravos e mangericos um grupo de senhoras.

A «lanterna magica», outro numero do esplendido programa, estava instalada em um recinto artisticamente ornamentado, o qual foi concorridissimo, dando varias sessões, e tendo a assistencia admirado com prazer as varias fotografias, obras do distinto amador sr. Eduardo Ulrich de Maia Cardoso, que fez reviver, em alguns instantes, tempos de outrora.

Do lado direito da lagôa, onde durante toda a noite dançaram inumeros pares ao som do eximio quinteto «Iberia» da «Garret» e do magnifico sexteto. «Gounod», tinhamos a barraca dos refrescos que fez muito negocio.

Mais alêm tinhamos a barraca das rifas, situada debaixo de um pequeno caramanchão.

Ainda temos a mencionar outro numero do programa, a leitura da sina pela nossa brilhante colaboradora sr.ª D. Maria Fernanda de Castro e Quadros, que, graciosamente vestida de cigana, para o que muito concorre o seu tipo moreno, não teve mãos a medir, chegando muitas vezes a fazer-se bilha.

Pelas duas horas, tanto o quinteto como o sexteto se dirigiram para o recinto da ceia, que era junto ao palacio, onde foi servida em pequenas mesas artsiticamente espalhadas, fornecida pela acreditada «patisserie Garrett», decorrendo sempre debaixo da maior animação e alegria.

A encantadora noite, serena e quente que esteve, concorreu sobremaneira para aumentar o esplendor da festa, que estamos certos se não apagará jámais da memoria daqueles que a ela assistiram.

A ilustre comissão organisadora, bem como o reverendo sr. Domingos Nogueira, que a coadjuvou, devem estar satisfeitissimos pels grande exito que a festa obteve, vendo assim coroados os seus incansaveis esforços, por isso não podemos deixar de frisar aqui os nossos veementes aplausos, fazendo votos para que festas como esta, se repitam porque teem a juntar ao util o agradavel.

Na assistencia via-se tudo que de melhor conta a nossa aristocracia, bem como do corpo diplomatico, cuja nota não damos em vista do formato pequeno do nosso jornal.

Campeonato da primavera

Prosseguem com toda a actividade os preparativos para o esplendido Campeonato Internacional de Lawn-Tennis da Primavera, o terceiro que entre nós se realiza, organizado este ano pelo Club Internacional de Foot-Bail, o qual terá lugar na segunda quinzena do corrente mês nos magnificos «courts» deste club em Sete Rios.

Os jogadores espanhois que vêm tomar parte no deste ano são os seguintes: Conde de Comar, D. Manuel Alonso, D. José Maria Alonso, D. Eduardo Flaquer. Toma tambem parte, alêm dos nossos melhores jogadores antigos e modernos, o distinto campeão francês Laurentz.

Clubs elegantes

No Monumental

Ontem e hoje encontra-se encerrado o «restaurant» deste elegante club, ás Portas de Santo Antão, reabrindo amanhã completamente melhorado. A ilustre direcção está organisando para as vesperas de S. João e S. Pedro, grandiosos festejos que decerto marcarão, pela sua originalidade. Brevemente nos referiremos mais detalhadamente a estas festas.

No Maxim's

A noite de ontem neste belo club esteve verdadeiramente animada, o mesmo sucederá hoje, visto que se repetem os grandiosos festejos de ontem. A linda sala do «restaurant» apresentava um aspecto verdadeiramente encantador, vendo-se ahi reunida a nossa «jeunesse dorée».

Pontos de reunião

Agenda

Amanhã a nossa sociedade «smart» dará «rendez-vous» de tarde na «matinée» do Cinema Condes e á noite na «soirée» da moda do Chiado Terrasse.

Em viagem

Com suas gentis filhas D. Helena e D. Maria Emilia, regressaram da quinta da Varzea, em Lamego, ao seu palacio da Rosa, os srs. Marqueses de Castelo Melhor.

—Parte amanhã para Loanda, o sr. dr. Manuel Espergueira.

—Partiu hoje para a Figueira da Foz, onde apenas se demora alguns dias, a sr.ª Condessa do Prado.

—Está em Caldellas a sr.ª Condessa da Borralha.

—Encontra-se em Lisboa o sr. dr. José Ribeiro Teles.

A CIDADE

FACTOS EM APONTAMENTOS

O egoismo, como caracteristica principal da greve

"Incompleto" rol de exigencias — A moção com que se proclamou o movimento — A validade dos passes — Os interesses entre o capital e o trabalho

Exactamente como todas as outras coisas, a greve, seja ela qual fôr, tem as suas caracteristicas, e uma das que não lhe falham é esta: o egoismo.

Jámais o grevista se preocupou com o dano que o seu gesto possa causar a segundos ou a terceiros. Nunça vimos que no rol das suas reclamações figurasse uma unica chamada de salvaguarda para os interesses dos que, nada tendo com as bulhas entre o capital e o trabalho, por elas são afectadas.

Assim, adrede ao movimento do pessoal dos electricos, lá temos essa feição inevitavel, que, no fim de contas... se poderia talvez tomar por *moderação* nas exigencias. Os condutores, guarda-freios, agulheiros, limpa-vias, etc., *naturalmente*, não quizeram exagerar as suas reclamações..., para deixarem ficar na greve a nota bem evidente do egoismo. De contrario, teriam ampliado um pouco a moção com que a proclamaram, acrescentando-lhe estes *considerandos:*

«—que os portadores de assinaturas, ao comprá-las, pagaram para se servirem dos carros durante seis mezes;

—que os mesmos pobres diabos nada teem com os nossos des...entendimentos com a companhia.»

Considerandos que implicariam esta *conclusão:*

«Resolve-se exigir *(mais)* da Carris que indemnise essa gente, validando-lhe os passes por tempo igual áquele em que, por causa da greve, andam a pé ou a gastar dinheiro em *camions.*»

Em Sarilhos Grandes poderia haver grandes sarilhos

Como já foi dito, a irmandade de Sarilhos Grandes manifestou ha dias o seu contentamento ao sr. O'Neill Pedrosa por este senhor ter conseguido que lhe fosse dada posse da respectiva igreja matriz, com as competentes alfaias.

A proposito, dizia um piadista da Arcada:

—Não surpreende a decisão do ministro da justiça, porque os irmãos puzeram assim a questão: «Ou Sarilhos Grandes continua a ser Sarilhos Grandes, com o devido respeito pela irmandade, ou, então, haverá ali *grandes sarilhos*».

De regresso ás fileiras do exercito

O major sr. Alfredo de Melo Azeredo, que o sr. Bernardino Machado destituiu de comissario geral da policia civica de Lisboa, sem que o proprio exonerado soubesse porquê, partiu hontem para Braga, onde vai comandar o batalhão de infantaria 29.

A' *gare* do Rocio foram despedir-se do referido oficial muitas pessoas das classes militar e civil.

CAMBIOS

	Compra	Venda
Londres cheque	9	8 5/8
« 90 dias	9 1/8	—
Cambio-Rio s/Londres	8	—
Paris	555	585
Italia	350	370
Belgica	557	590
Suissa	1180	1240
Madrid	915	960
Berlim	102	108
Holanda	2350	2450
New-York	7000	7400
Desconto do Banco de Inglaterra	6 1/2	—
» mercado livre	—	—
» do Banco de França	—	—
» Banco de Portugal	7 0/0	—
Libras	27000	33000
Agio do ouro	500 0/0	700 0/0

A VIDA DOS PARTIDOS

O que foi o Congresso Socialista da Confederação Regional do Sul

A união dos socialistas — O sr. Manuel José da Silva e o intervencionismo — A 3.ª Internacional e o P. S. P. — Porque sairam do partido os srs. Costa Junior e Campos Melo

O "Diario de Lisboa" entrevista o sr. dr. Ramada Curto, antigo "leader" do Partido Socialista

O congresso regionalista socialista do sul, que terminou ontem, foi reputado nalguns meios politicos como um congresso de scizão partidaria. Dizia-se que determinados elementos do norte, pouco á vontade dentro da actual politica do P. S. P., marcariam definitivamente a sua atitude, rebelando-se contra o Conselho Central.

O sr. dr. Ramada Curto, a figura mais preponderante do partido socialista, recebeu esta manhã, o reporter, ainda de pejama e com a sua amabilidade cativantissima, explicou-nos o que tinha sido o congresso:

—Foi uma manifestação de força...

—Dizem, porém, contestámos, que os socialistas do norte se mostraram um pouco contrarios á sua realisação.

—Não é verdade! afirmou categoricamente o sr. dr. Ramada Curto. Há um individuo que esteve dentro do meu partido, que não perde ocasião de o anavalhar. Foi ele, que naturalmente se fez eco e reflexo desse boato.

Repare: entre os socialistas do norte e os do sul, houve em tempo, uma certa divergencia de tática, que já está apelanada...

—Qual era!

—Os socialistas do sul, são intervencionistas, isto é, vão ao poder, quando as circunstancias assim o determinarem; os do norte, não. No entanto, esta divergencia desapareceu e o partido mantem-se firme e indivisivel.

—O sr. Manuel José da Silva...

—Já sei o que me vai dizer, atalhou Ramada Curto. Sabe quem ontem presidiu á sessão de encerramento do congresso? Foi o sr. Manuel José da Silva.

—E este congresso teve importancia?

—Neste congresso, absolutamente normal, apresentaram-se téses muito importantes, que demonstram bem a vitalidade do partido.

E com um sorriso comunicativo, para acentuar bem:

—Fui um bela manifestação de solidariedade socialista.

O sr. dr. Ramada Curto calou-se um instante. Nessa ocasião o jornalista preguntou:

—O partido de V. Ex.ª não pretende fazer uma aproximação com a 3.ª Internacional?

—Não senhor! Portual é um paiz de constituição individualista. Aqui a propriedade encontra-se imensamente dividida, sendo quasi todo o camponez, dono de algumas geiras de terras. Só no Alemtejo se notam grandes manchas de propriedades. E depois, como é que quer que um paiz que não tem industrias e que não tem grandes massas operarias, siga os mesmos processos de luta e de independencia economica, que os da Russia? O meu partido é reformista e revolucionario...

—Revolucionario!

—Sim, revolucionario, quando as circunstancias o exigem.

Por ultimo, inquirimos curiosamente:

—A saida do srs. Costa Junir e Campos Melo, do partido socialista, abriu uma grande brecha. Não é assim?

O sr. dr. Ramada Curto colocou na fisionomia um ar de espanto, depois sorriu-se, depois disse:

—Esses senhores manifestaram sempre uma certa afinidade com a extrema esquerda democratica. Sairam. Fizeram bem!

E concluindo rapido, mordaz:

—O partido não sofreu muito, com estas deserções.

UMA IDEIA EM MARCHA

O 1.º Congresso Cooperativista

"Todas as conclusões foram aprovadas por unanimidade" — diz-nos o sr. dr. Campos Lima

O sr. dr. Campos Lima, nosso ilustre camarada da imprensa, teve hoje a amabilidade de dizer ao *Diario de Lisboa* as suas impressões sobre o 1.º Congresso Cooperativista em que ele tomou parte relatando a tese concernente á *Estrutura Juridica das Cooperativas.*

—O Congresso—diz Campos Lima—foi uma bela manifestação de solidariedade entre todos os cooperativistas. Houve alguns incidentes, mas esses incidentes existem sempre quando sinceramente se trabalha pelo aperfeiçoamento duma ideia. No Congresso estavam as correntes mais opostas, mais antagonicas. Havia monarquicos, conservadores, sindicalistas e anarquistas. Pois bem: a união entre todos foi tão grande, tão intima que todas as conclusões do Congresso foram aprovadas por unanimidade. Isto é um caso *sui-generis* em congressos. Tive ocasião de observar em todas as sessões o respeito que havia entre elementos politicamente opostos.

—Resultados praticos?—inquirimos.

—Este Congresso veiu dar uma maior força á direcção da Federação das Cooperativas e uma directriz ao combate que se tem que dar, que é inevitavel dar aos especuladores e aos açambarcadores.

E concluindo:

—A união dos espiritos congregou os esforços. Foi aprovado que um credito importante que o Estado tenciona dar ás cooperativas seja entregue á administração da F. N. C., o que certamente virá sintetizar e condensar iniciativas.

O saneamento da provincia da Guiné

O novo governador da Guiné levou plenos poderes para proceder ao completo saneamento da provincia, a fim de empregar todos os meios para que a peste seja extinta por completo no mais curto praso de tempo.

FUGINDO A' CADERNETA

As criadas de Lisboa vão exodar para longes terras

O que diz a um nosso redactor, na Praça da Figueira, a ladina Encarnação Jesus, de 22 anos de idade, natural de Ribeira de Pena, para lá do Porto

O sr. governador civil não quere revogar de forma alguma o seu ultimo regulamento sobre as serviçais de Lisboa. A classe das criadinhas sempre garriula, sempre saltitante, reune, protesta, bate o pé, faz *meeting*, pensa em exodar:

Assim no-lo disse hoje, ali na Praça da Figueira, uma airosa rapariguita de 22 anos, olhos castanhos e pele muito trigueira; assim no-lo disse quando comprava alcachofras.

—Meu senhor dos jornais: chamo-me Encarnação Jesus e sou de Ribeira de Pena, para lá do Porto. Vim há três meses da minha terra na companhia da minha senhora que é tambem de lá. E eu não quero ter caderneta! Não quero!...

—Mas tem de querer. E' lei. Que mal faz a caderneta?

—Ora, que mal faz! como, se a gente fosse para aí uma como há tantas...

—Pois por isso. E' para se não confundirem que devem ter a caderneta.

—Não diga isso! Então as nossas patroas teem toda a confiança em nós e não a tem o sr. governador civil?!

—Mas dizem que ha na sua classe certas intrusas que se metem a servir só para roubarem?

—Isso ha em todas as classes. E os senhores dos jornais bem o sabem. A minha senhora lê ás vezes no jornal cada coisa que até arrepia...

—Não sabe ler?

—Não, senhor. Na minha terra não ha escola...

—Mas é só por causa da caderneta que andam assim tão zangadas?

—Pois é! Pois o senhor não sabe que a gente tem de andar depois só a caminho do governo civil? Ele é quando nos quizermos ir embora para a terra; ele é quando mudarmos de patrões... Vamos passar a andar de casa para lá e de lá para casa! Que mal nós fariamos a Deus para nos vir agora este castigo! disse a Encarnação com os olhos marejados de lagrimas.

—E que mais diz o regulamento?

—Veja aquela coisa do baú! Temos de o deixar sempre aberto! Como se nós fossemos agora algumas presas da cadeia...

—Sim, essa coisa do baú sempre aberto, é grave, ponderámos sorrindo.

—Mas não fica por ahi o sr. governador civil. Só para papeis e escrivães vai-se um mês da soldada. Ha mais, muito mais no regulamento. Eu é que o não cumpro...

—Decididamente...

—Vou para a terra. Somos mais de 100 as que nos vamos embora. Isto pode lá aturar-se?!...

—Mas a Encarnação não pertence á comissão que anda a tratar do Sindicato da classe?

—Não pertenço. Quem pertence é uma minha visinha, senhora já de idade e que sabe dizer quantos são tres e dois. E olhe que aquilo está rijo! Naturalmente ha gréve á caderneta. Ninguem a tira. E depois...

—São todas presas...

—Ora! ainda ha de haver quem tenha pena de nós...

—E quando é a primeira sessão das associadas?

—Não sei. Quando fôr, eu lho direi lá para o seu jornal. Que numero é o telefone?

—C. 487.

E delicadamente pedimos-lhe o rol e assentámos o numero na ultima pagina, para se não confundir com as contas do dia.

—Não quere uma alcachofra para ver a sua sorte? disse ela por fim, sorrindo-se ladina.

J. P.

REGIONALISMO

O primeiro Congresso das Beiras

A sala onde se realiza o Congresso — Os interesses regionais e o Parlamento — O movimento regionalista — A moção do governador civil de Coimbra — O sr. Fausto Figueiredo e o problema financeiro — As mulheres de Viseu e o escritor Aquilino Ribeiro — A praça D. Fernando — A exposição artistica e industrial

(Do nosso enviado especial)

VISEU, 11. — O pequeno teatro do Gremio de Viseu, onde se está realizando o Congresso Regional da Beira, não chega para acomodar todos os congressistas. No palco, que tem como pano de fundo um castelo dos velhos tempos feudais ou o quer que seja, alinham-se em semi-circulo as cadeiras dos congressistas encarregados de relatar alguma tese. Na cadeira da presidencia, uma cadeira alta, episcopal, o sr. dr. Rocha e Brito, professor da Universidade de Coimbra e representante da Junta Geral.

Os beirões teem toda a conveniencia em ir ao Parlamento

O sr. dr. José Cardoso precocupa-se com a representação parlamentar que ámanhã, porventura, possa vir a ter a região das Beiras. E' de opinião que a Beira tem toda a conveniencia em levar ao Parlamento deputados que defendam os seus interesses, as suas aspirações, a sua ansia de progredir.

— Somos apenas beirões, fora de todas as côres politicas, fora de todos os credos partidarios.

A assembléa está de acôrdo, pela forma como aplaude estas palavras. O governador civil de Coimbra receia pelo movimento regional, se ámanhã fôr ao Parlamento qualquer deputado que não esteja completamente livre de compromissos partidarios. O orador traduz o pensamento do congresso, porque se ouvem novos aplausos. E, nesse sentido, envia para a mesa a seguinte moção, que é um documento interessante de fé regional e de descrença politica:

«Considerando que o movimento regionalista visa o ressurgimento economico das Beiras e consequentemente, o engrandecimento de todo o país fóra de qualquer preocupação de ordem politica ou religiosa;

Considerando que este movimento só póde ser grande, unido e fructuoso em resultados praticos, se dentro dele se não dê guarida a dissidencias, animadversões que em politica e religião são sempre inevitaveis;

Considerando que seria contrario aos altos interesses deste movimento e que não seria mesmo digno que alguem pretendesse engrandecer ou deprimir qualquer partido á sombra de um movimento que é de nós todos, que dentro dele somos apenas beirões e portugueses;

Considerando finalmente, que, se é licito e louvavel que beirões filiados em quaquer partido politico prestem á sua região o melhor do seu esforço, é já inadmissivel que alguem hasteie o pendão das Beiras para com ele abrigar as pretensões legitimas ou ilegitimas de qualquer parcialidade.

O Congresso das Beiras, reunido em Viseu, assentando em que só podem representar o movimento regionalista no Parlamento os que, resultando em que se fóra de toda e quaisquer acção politica partidaria, pelo seu caracter, competencia e dedicação regional, deram garantias de bem servir os interesses da região, passa á ordem do dia».

A moção do sr. dr. José Cardoso é duas vezes aclamada.

As aspirações regionais

O sr. Fausto de Figueiredo é da mesma opinião. — Não vimos aqui — diz o orador — para servir os interesses politicos de ninguem. E' preciso que não levemos aos altos cargos da politica pessoas que não sabem defender os interesses do paiz. Os deputados fabricados no ministerio do interior, para levarem os nossos votos, têm que conhecer o nosso programa, têm que sentir a aspiração regional. Acima da sua disciplina partidaria, estão os interesses de todos nós. A assembléa aplaude calorosamente.

A tese do sr. Ernesto Navarro

O sr. Ernesto Navarro, antigo ministro e antigo senador, é recebido com uma salva de palmas. Recorda a memoria de seu pai—Emidio Navarro—que a assembléa sublinha com novos aplausos. Relata, em seguida, a sua tese: «Viação acelerada e viação ordinaria nas Beiras, cuja discussão — tal é a importancia do problema — ocupa toda a primeira sessão e uma parte da sessão da tarde. Discorrendo sobre estradas, o sr. Ernesto Navarro explica «que o cantoneiro é uma verba que existe só no orçamento. A sua tese foi já publicada e traz um mapa elucidativo das linhas ferreas a construir na Beira.

O sr. dr. José Cardoso clama que há dois concelhos na Beira que ainda não estão ligados por meio de estrada ao seu distrito: Penedono e Pampilhosa da Serra.

A descentralização

O sr. Fausto de Figueiredo volta a falar, para dizer que discorda da maneira de realizar o plano interessantissimo do sr. Ernesto Navarro. Não é partidario absoluto da descentralização; neste caso, prefere até a centralização dos serviços.

—Não podemos com uma gata pelo rabo, sob o ponto de vista financeiro—diz o sr. Fausto de Figueiredo, e acrescenta: — o problema das estradas está ligado ao problema da energia hidro-electrica na Beira.

O orador afirma que é preciso construir dois ascensores: um para subir ao Caramulo e outro á Serra da Estrela.

Uma saudação ao Chefe do Estado

O sr. Bartolomeu Severino envia para a mesa a seguinte saudação, que foi carinhosamente recebida pelo congresso:

«O Congresso das Beiras, ao iniciar os seus trabalhos, saúda o Chefe de Estado—expressão personalisada da unidade nacional; os escritores, poetas e artistas da Beira—os modeladores espirituais da nacionalidade e da região; a imprensa do país, pela sua obra de orientação colectiva e especialmente pelos altos serviços prestados á propaganda desta primeira manifestação ressurgidora da velha provincia da Beira».

Mulheres de Viseu

VISEU, 11. — Aquilino Ribeiro tinha razão, quando me dizia há dias, encostado a uma esquina de Lisboa, que Viseu era terra de mulheres bonitas. Em Viseu, o coração da Beira — como lhe chamam os senhores congressistas — vive-se pelo coração.

O jornalista é curioso de sua natureza e, talvez, por essa razão não lhe passem tão despercebidas, como a outra gente, as belezas da terra. Porque a verdade, a intangivel verdade, é que em Viseu a beleza feminina tem um lugar marcado. Venha o primeiro apreciador de mau gôsto que diga o contrario, e todos nós, que viemos de Lisboa e trazemos malmequer côr de rosa ao peito, seguindo o exemplo dos doze de Inglaterra, levantaremos nosso pendão pelas damas ofendidas.

Em Viseu não há só os quadros de Grão Vasco, a cava de Viriato, os primores da industria regional; em Viseu há lindos, raros exemplares de beleza feminina. Se quizerem chamar-lhe formosura, talvez fique melhor. E alguns são exemplares unicos. Que pena que a edição se tenha exgotado...

Um ponto de reunião elegante

Aqui, na terra, manda o bom tom que, depois de jantar, se faça um pouco de pedestrianismo, ali, no antigo passeio D. Fernando, onde as senhoras se reunem, para discutir os homens e os homens, naturalmente, para discutir as senhoras. E' o ponto de reunião elegante.

Os oficiais arrastam, belicamente, a espada, ao mesmo tempo que vão arrastando, gentilmente, a aza; há uma ou outra capa de estudante, a cobrir um sonho romantico de noivado; e nós, os de malmequer côr de rosa na botoeira, tambem por ali andamos em busca de um sorriso de mulher. Não se vem impunemente a Viseu, sem levar de Viseu uma saudade. Em Lisboa não há coisa que se pareça com o passeio D. Fernando — o da Leonor Teles. O Chiado não tem aquele ar de familia, não é tão aconchegado como isto. As mulheres do Chiado são rainhas de beleza — uma beleza desdenhosa, altiva. O Chiado é um trôno. As mulheres de Viseu são as princezas da beleza — da beleza que não tem maquilhagem, da beleza que não conhece «baton».

O passeio D. Fernando é um viveiro de mulheres bonitas.

A exposição artistica e industrial

No Museu Grão Vasco abriu ontem a exposição artistica e industrial. E ainda mais que os tecidos da Covilhã e os bordados de Tibaldinho, o jornalista admirou na exposição as mulheres de Viseu.

O claustro da velha catedral viu passar durante um quarto de hora o que há na terra de bom para se ver. São lindas as mantas de viagem da Covilhã e os tecidos do sr. Francisco Fino; mas não lhes ficam atraz — Deus seja louvado e seja louvado Noé — certos perfis femininos, que se inclinam para ver melhor uma fazenda propria para vestido de noiva. Há mesclas militares, há gabardines sem algodão — de pura lã — há panos «manteaux», de lã cardada; há uma loira veste côr de rosa com tanta gentileza, que está pedindo um lugar no «carnet» do jornalista.

Há lindas mobilias de Ranhados, embutidas a primor, tecidos de Gouveia, cobertas de Castro Daire, tapetes de Vila de Moinhos, louça e azulejos de Aveiro, linhos de Lafões; há sorrisos de mulher que valem uma cantarinha de Molelos—uma daquelas que teem a legenda «Cantarinhas do Engano».

Um cicerone aponta-nos um grande relogio artistico, com corda para oito dias, fabricado em Viseu por Nelas & Filhos. Há mulheres que devem ter corda para oito anos. O cicerone explica que aquilo foi feito em pouco mais de um mês. E acrescenta: — E' claro que não se empregaram as oito horas de trabalho.

Tambem a fábrica de louças dos Santos Martires de João Aleluia (Aveiro), veiu á exposição. E é impossivel dizer-lhes, no espaço acanhado de uma crónica, tudo quanto ali merece uma referencia, uma palavra de elogio, de incitamento. Se houvesse tempo...

Norberto Lopes

N.º 21 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 13-6-921

Português dos velhos tempos

Novela por Aquilino Ribeiro

—Toque lá V. R.

—Sim, mas tu bem sabes que só de me sentir sobre o espinhaço há-de-lhe faltar a liberdade de meter por onde lhe pede o instinto. E' burro e basta.

—Então?

—Olha, alem de se sentir dirigido e se não dirigir, vai estafadinho como vês. Levar-me a mim que peso sessenta arrobas, afóra os pecados, e carrega com os alforges onde as boas almas meteram com que regalar meus irmãos em S. Domingos, batatas, cebolinhas, alhos, um pouco de carne e não sei se fumeiro. Ora tu precisas do meu burro que te guie nas duas escuridões que são a neve e a noite. Queres tu pagar-lhe o serviço que poderá prestar-nos?

—Quere V. R. que eu leve o burro ás costas?

—Não é isso.

—Que lhe mande uma carrada de feno?

—Não seria mau, mas tambem não é isso. Ouve: o teu machinho é forte, é pimpão, e vai sem carga. Queres tu levares-me na garupa e tocamos o azemel para a frente que ele há-de guiar-nos?...

Dito e feito. O frade escarranchou-se na albarda atraz de mim e rompemos como foi combinado. O burro lá ia na dianteira trup-trup, de tempos a tempos avisado pela ponta da minha redea que tinha de marchar e não enganar-se.

Foi então, investindo contra a neve, cada vez mais ladrôa, que o frade, amigo de falar e contar anedoctas, me pregou um sermão que nunca mais esqueci.

—Acredita—dizia ele—quando fôres velho e que os netos te engatinhem pelas pernas, hás de ter saudades destes tempos, com invernos que arrastam as pontes, neves que cegam a gente, a fome, a sede, o sono, pelos caminhos compridos dos viandantes. Oh, se hás-de ter! E se pudesses voltar atraz não escolherias outra vida, que lá diz o proverbio: *arrieiro no tarde chora por arrieiro nanja por cavaleiro.* E tinha razão o raio do frade.

Mas como lhes ia contando, deitamos o burro a bater o caminho e o pobre animal lá nos levou. Chegamos ao convento mais mortos que vivos, gelados até os ossos, cegos á força de andar mundo ainda mais cego da neve que os nossos olhos.

Os frades aboletaram-me no convento e deram-me uma tigelada de mel e leite que me poz fino para nova jornada. Mas só me deixaram sair no dia seguinte quando o sol começava a derreter a grande camada de neve, que tinha nivelado tudo, caminhos e montes, e derrotado as matas.

Fr. Joaquim das Sete Dôres, quando já estava de pé no estribo para montar, veiu ter comigo e disse-me:

—Pega; isto é um osso do braço de S. João de Deus, que foi um anjo de paciencia; isto um cabelo da barba de S. Teotonio, de muito prestimo nas dôres repentinas. Trá-los ao pescoço e verás que nunca comtigo entrará o Porco Sujo nem nas jornadas terás maus encontros.

Pedi-lhe a benção e larguei.

As nominas pô-las Brizida ao seio e, verdade seja, que nunca teve ruins partos nem lhe faltou leite para os meninos. Mas de tudo o que eu não esqueci foi aquela do «arrieiro no tarde chora por arrieiro nanja por cavaleiro».

Sim, senhores! o frade sabia-a toda!

XII

Na velhice, o Malhadinhas deu em seguir com todo o fervor os oficios divinos e novenas, não faltando a uma missa, nem com esmola aos santos e penitentes dos votos. O seu lugar era logo um degrau abaixo do oficiante, e ninguem lho tomava, tendo-se apropriado dele por habito e respeitando-lhe a posse por consideração. Aos domingos, na imediação de Santos, pedia um padre-nosso e uma avé-maria por alma de seu pai Anastacio Malhadas e sua mãe Rosa de Jesus. E um ciciado de longo fôlego respondia á encomenda do Malhadinhas. Um ano foi mordomo do Martir e gastou muito além da bitola, esportulando-se do seu bolso. Vieram duas musicas, dois fogueteiros e só não veiu pregador de fóra em atenção para com o sr. abade Sá, que era o orador de mais nomeada da Serra para cima. Falou-se nesta festa muitos anos, com honra não ofuscada para o mordomo.

O Vinagre, que não perdoava as ferroadas do Malhadinhas, dizia:

(Continua)

NO ESTRANGEIRO

DA RUSSIA

As relações com o comercio externo e a propriedade privada

Os elementos para uma nova burguezia

As relações comerciais com os capitalistas — Um artigo de Leonid Krassine no "Sunday Times"

LONDRES, 13.

Leonid Krassine, representante do governo dos «soviets» na Inglaterra, escreveu no «Sunday Times» que o governo de Moscow tinha reconhecido nas suas relações com o comercio externo a propriedade privada. O governo dos «soviets» libertou os camponeses e permitiu-lhes que fossem possuidores de pequenas propriedades, que poderiam negociar uns com os outros e só com organizações extra-territoriais mais vastas. A Russia criou os elementos essenciais de uma nova burguezia, sem os perigos fundamentais da antiga e com uma severa fiscalização democratica. Este país sente agora a imperiosa necessidade de entrar em relações comerciais com os capitalistas do mundo inteiro. A exemplo do que sucedeu com a Inglaterra, a Russia deseja negociar com a França, países escandinavos, paises da Italia e da America, e não pensa em promover nenhuma revolução comunista na Europa ocidental, agora ou de futuro.—(R.)

NA POLONIA

UM "RECORD" CAMBIAL

5.000 marcos por uma libra

LONDRES, 13.

O cambio polaco atingiu ontem a quantia, que constitue um «record» de altura do marco, de 5.000 marcos por libra.—(U. P.)

A abertura do Parlamento italiano

As manifestações ao rei Vitor Manuel

PARIS, 13.

O «Gaulois» diz que as manifestações de que foi alvo o rei da Italia, na sessão de abertura do Parlamento, mostra bem o lealismo dos italianos pela monarquia. A crise revolucionaria foi passageira. O sr. Giolitti é um habil tactico que conduzirá a Italia ao regime de paz e prosperidade. —(R.)

As clausulas do Tratado de Versailles

O julgamento do ex-kaiser

PARIS, 13.

O sr. Duplantier, senador da Vienne, informou o presidente do conselho e ministro dos negocios estrangeiros da sua intenção de o interpelar sobre as medidas que o governo pensa pôr em pratica para assegurar a execução das clausulas do Tratado de Versailles, relativas ao julgamento de Guilherme II, ex-imperador da Alemanha.—(R.)

Algarvia, L.da
Importadores e Exportadores
OLHÃO

INTERESSES MUTUOS

A ALIANÇA FRANCO-BRITANICA

Não tendo sido ractificada a convenção de 1919 não é de presumir um novo acordo

As relações da França com a Alemanha entraram numa fase diferente

Na convenção de 1919, os representantes da Inglaterra e America, Lloyd George e Balfour, Wilson e Lassing assinavam juntamente com os ministros franceses, Clémenceau e Pichon, um acordo pelo qual a Inglaterra se considerava aliada da França, *se a America por seu lado ratificasse a aliança.*

Devido a questões de politica interna, o parlamento americano recusou-se a ratificar o tratado e a Inglaterra, que poderia ter mantido a sua aliança se quizesse, aproveitou a liberdade que lhe dava o artigo II do tratado e considerou a convenção como não existente.

Durante estes dois anos, em que a paz tem estado pouco segura, sem que a Liga das Nações seja uma realidade e sem haver uma aliança forte capaz de se impôr, a França tem tido as relações mais tensas com a Inglaterra, ao mesmo tempo que as tem igualmente com a Alemanha. Basta lembrarmo-nos da retirada do ministro inglês da conferencia dos embaixadores quando as tropas francesas entraram em Francfort, da oposição á ocupação do Rhur e das divergencias que subsistem á hora actual por causa da Alta Silesia.

Efectivamente os interesses que hoje unem a França e a Inglaterra não são os mesmos de 1914; então a Alemanha era o poderosissimo concorrente comercial da Inglaterra e o inimigo nas colonias ao mesmo tempo que ameaçava a França no continente.

Hoje, porêm, a Alemanha não tem navios nem colonias; a sua concorrencia não preocupa a Inglaterra; não ha portanto uma razão para que esta mantenha uma aliança que poderia obrigá-la a combater sem um interesse real.

Devido ao desagrado com que o povo inglês veria tal, é que Lloyd George deixou a aliança de 1919.

Convir-lhe-ia uma aliança, mas com a condição de a França a defender sempre nas outras partes do mundo, enquanto somaria todos os seus interesses na Europa.

Essa aliança, porêm, não convem á França, cujos interesses fóra da Europa nem sempre são os mesmos da Inglaterra, como se vê com o exemplo dos jazigos de petroleo da Cilicia; na Europa, sendo aliada, a Inglaterra quereria tomar parte nas resoluções o que tambem não serve os interesses da França.

Por outro lado as relações da França com a Alemanha entraram numa fase diferente; o principal grupo da maioria ministerial acaba de declarar no parlamento pelo seu leader que deseja uma paz amavel com a França e este desejo tem sido provado.

Não ha pois motivos que obriguem qualquer das partes a procurar uma aliança, ainda que tanto em Inglaterra como em França, pessoas animadas das melhores intenções por ela trabalhem, porque ambas as partes terão sempre em vista este conselho que um jornal francês dá aos entusiastas da aliança, até que um interesse igual as aproxime: *Não é procurando protectores que se encontram aliados.*

DE INGLATERRA

O general Smuts e os Estados Unidos

"A America seguiu o seu caminho na historia contemporanea do imperio britanico mas sente-se que ainda é uma das nossas nações"—diz o primeiro ministro da União Sul Africana

(*Serviço especial para o* Diario de Lisboa)

LONDRES, 13.—O general Smuts, primeiro ministro da União Sul Africana, discursando em Oxford, no jantar dos estudantes de Rhodes, disse que o unico caminho de realizar os grandes ideais de Cecil Rhodes era conseguir reunir os jovens de todos os grandes povos numa plataforma de grandes concéções para o bem estar da humanidade. Não só os povos do imperio britanico precisavam de se unir desta forma, mas tambem os americanos. A America seguiu o seu caminho na historia, independentemente do imperio britanico, mas sente-se que ainda é uma das nossas nações. Em qualquer grande dificuldade que o imperio britanico esteja, pode-se ter confiança nos americanos, que estarão sempre com o imperio britanico. O professor Hopkins de Yale, concordando com o discurso do general Smuts, disse que apesar da influencia dos «sinn-feinners», os americanos sentiam que os laços que os ligavam aos ingleses nunca podiam ser desfeitos.—(U. P.)

O almirante Sims é chamado á America

O seu ultimo discurso

LONDRES, 13 — O almirante Sims foi chamado aos Estados Unidos em consequencia do seu discurso pronunciado em Londres no banquete da União dos povos de Lingua inglesa. O almirante recebeu a ordem de voltar imediatamente aos Estados Unidos, dada pelo sr. Denby, secretario da marinha americana, que lhe ordenou que viesse fazer uma exposição pessoalmente, acerca do discurso pronunciado. — (U. P.)

A mãe do ministro Churchill

sofreu a amputação de um pé

LONDRES, 13. — Lady Randolph Churchill, mãe do ministro Winston Churchill, sofreu a amputação dum pé, como resultado da fractura dum tornoselo, causada por ter escorregado na escada da sua habitação ha quinze dias.

Lady Randolph, é natural de New York, e casou com Lord Randolph em 1874. O seu nome em solteira era Miss Jennie Yerome. — (U. P.)

O julgamento dos criminosos de guerra

Absolvição do estudante alemão Max Randcher

LONDRES, 13. — Max Randcher, estudante alemão acusado pelo governo belga de ter maltratado e aprisionado um certo numero de estudantes de Grannont em novembro de 1917, foi absolvido pelo tribunal de Leipzig, que está julgando os criminosos de guerra por falta de provas contra ele. — (U. P.)

DE LONDRES

A reunião dos primeiros ministros dos dominios britanicos

O bem comum do vasto imperio inglês

A conferencia realizar-se-ha quinta-feira caso o estado de saude de Lloyd George permita

LONDRES, 13.

Liga-se a maior importancia á proxima reunião dos primeiros ministros dos dominios britanicos, que é a primeira que se realiza depois da assinatura do Tratado de Paz. O primeiro dia de conferencia fixada é quinta feira, mas teme-se que Lloyd George, pelo estado da sua saude, a tenha de adiar. Hughes, primeiro ministro da Australia, já chegou ha alguns dias; Massey, da Nova Zelandia, bem como o general Smuts, já se encontram em Londres tambem. Espera-se o primeiro ministro do Canadá, sr. Meighen. A Terra Nova será representada pelo seu Alto Comissario em Londres.

A conferencia versará os mais vastos assuntos, referentes ao bem comum do vasto imperio britanico.—(R.)

Em terras de Espanha

EM BARCELONA

A viagem de Mgr. Ragonesi

BARCELONA, 13.

Partiu para Roma Mgr. Ragonssi. Teve uma brilhante despedida, pronunciando um discurso de agradecimento pelas atenções que lhe foram prestadas em Espanha.—(R.)

Mais um crime social

BARCELONA, 13.

Na calle Pelayo, uns desconhecidos dispararam três tiros contra um operario do Sindicato unico, matando-o imediatamente. — (R.)

Os projectos de fomento

BARCELONA, 13.

Cambó irá a Madrid tomar parte na discussão dos projectos de fomento. Depois tenciona, para curar as suas enfermidades, fazer uma viagem pelo norte da Europa. — (R.)

EM CADIZ

Um desastre de automovel

CADIZ, 13.

Na Carretera dos Hermanos, houve um desastre de automovel em que seguiam dois recem casados que ficaram em estado grave tendo tambem ficado bastante ferido o «chauffeur». O noivo, era o proprietario Jesus Fernandez e a noiva Maria Blanca Mejia, filha do importante joalheiro, Luis Mejia. Na ocasião do desastre passava o automovel do infante D. Carlos que vinha de Algeciras para Sevilha que imediatamente deteve o seu carro e ofereceu o seu auxilio. Os feridos foram conduzidos para Sevilha. — (R.)

EM VILA VERDE

O choque de combolos

MADRID, 13.

No grande desastre ocorrido pelo choque de combolos em Vila Verde tiveram a felicidade de ficar ilesos o inspector dos telefones Estolat e a esposa do toureiro Fortuna que ia com a sua quadrilha para tourear em Algeciras. — (R.)

EM TOLEDO

Queda de um aeroplano

TOLEDO, 13.

Abateu um biplano ficando desfeito. O piloto Picon ficou ileso. — (R.)

REGIONALISMO

O CONGRESSO DAS BEIRAS

Uma das caracteristicas interessantes de Viseu—Recordando Antonio Nobre—A aristocracia do dinheiro—O rumor das ruas—A excursão ao Caramulo—Em Povelela — A sessão noturna de ante-ontem

VISEU, 12.—Eu ainda não lhes tinha dito que Viseu é uma cidade hospitaleira onde se pratica a velha hopitalidade galhardamente, com uma franqueza que sencibiliza, e uma das caracteristicas mais interessantes da gente da Beira. Neste momento, Viseu representa os cinco distritos que constituem a Beira Historica. A cidade está movimentadissima, cheia dos ruidos das gentes que se divertem e do ribombar incomodo dos morteiros. Janelas engalanadas caprichosamente; arcos luminosos tornam as ruas principais uma pequena cidade de magica, onde passam durante a noite grupos cantando as lindas canções da Beira: o passeio D. Fernando—que tambembem se chama o Rossio—oferece um aspecto curioso, a musica tocando no coreto, os canteiros iluminados com tigelinhas de varias côres, a noite de uma grande serenidade, o ceu azul,e as mulheres de Viseu de quem se pode dizer, como disse Antonio Nobre:

Meninas, lindas meninas,
Qual de vós é o meu Ideal?—

As mulheres de Viseu contando segredos ao luar, segredos de amor que lhes andam a borbulhar no coração, e que têm uma necessidade absoluta de se apoiar ao esteio de uma confidencia, de um sorriso ou de um simples olhar de desdem.

Viseu, ou é uma cidadu caracteristica, ou caracterisou-se para nos agradar. Ainda assim, optamos pela primeira hipotese. E é tão caracteristica, que só ontem tive ocasião de observar no ambiente elegante da cidade uma linha perfeitamente demarcada, que estabelece a divisão entre os do Gremio e os do passeio D. Fernando. Em cima, a farinha é mais peneirada; reunem-se na *terrasse* do Gremio as familias pergaminhadas da cidade. As senhoras conversam, passeiam ou dançam—como ontem—até de madrugada; os homens tomam refrescos ou fumam charuto.

Em baixo, os pergaminhos da conta corrente, ou seja a aristocracia do dinheiro. o comercio, a agricultura e a industria. As mulheres mostram-se, trocam entre si pequenas confidencias de quasi noivado, riem alegremente,—sabe-se rir com alegria na Beira—encarando a vida pelo seu lado mais côr de rosa, passando muito levemente pela vida; os homens discutem politica e fumam cigarros da Companhia. Em cima muito azul e branco; em baixo muito verde e vermelho.

O aspecto da cidade

A cidade teve ontem uma animação toda festiva. Em algumas ruas era interessante perder dois minutos a contemplar a perspectiva luminosa formada pelos arcos venezianos, que traçavam uma longa estrada de copa iluminada, a perder de vista para as bandas do campo de Viriato. Andavam no ar os descantes das tricanas de Santa Comba Dão, que bailaram animadamente até de madrugada na praça do Mercado. E, emquanto a cidade despertava ao som do clarim regionalista, enchendo-se as ruas de um rumor todo caracteristico e noctambulo, no teatro do Gremio continuava a discussão das teses que fez reunir em Viseu algumas dezenas de individualidades cotadas dos cinco distritos da Beira.

A excursão á mais linda serra de Portugal

A excursão á serra do Caramulo realizou-se em automoveis e *camionettes*, que levaram de Viseu os convidados, a caminho daquela a que os beirões chamam a mais linda serra de Portugal. Dia de sol abrazador—um sol que faz tremulinas em volta dos pinheirais—pela estrada poeirenta, cavada na vertente da montanha, contornando a serra aos torcicolos, segue a longa fila de automoveis que conduz até ao Hotel Caramulo algumas dezenas de convidados. Os jornalistas tomam lugar numa *camionette*, que por milagre não se despenhou pela vertente da serra, tal é a pressa que esta gente tem de chegar lá em cima, onde as lindas caramulanas preparam o almoço, que ha de ser devorado apetitosamente, em frente da sóbria magestade da planicie, que se estende a perder de vista até ás faldas esfomadas de neblina da serra da Estrela.

* * *

A' chegada dos congressistas á pequena vila de Tondela, estalam foguetes e uma banda de musica vai-nos guiando, por entre a alegria do rapazio, até ao edificio da Camara Municipal. Em frente do chafariz que marca a entrada na vila, uma figura de mulher simbolisando a tradição de Tondela; recebe os visitantes, dos quais fazem parte os srs. ministros da justiça e da marinha, que se encaminham debaixo da torreira do sol para o modesto palacio do Municipio, onde lhes são dadas solenemente as boas vindas.

Uma velhinha de 103 anos que só viu o comboio uma vez

O cortejo de viatnras vai chegando. pouco a pouco, ao cimo do Caramulo. O panorama que se alcança do alto da serra, olhando a toda a volta o largo horisonte, é surpreendente de magestade e convida a rezar em silencio uma oração. Vejam como são lindas as caramulanas, com sua capuchina á cabeça, muito endomingadas, e todas pressurosas para receber o visitante com mil delicadezes!

Há uma velhinha de 103 anos, bom Deus, que vive na serra desde que nasceu, viu apenas uma vez o comboio e ainda tem cabeça para rezar um terço por intenção de quem lhe deu esmola.

O problema do turismo

A sessão nocturna do Congresso terminou ontem ás duas da madrugada. O problema do turismo preencheu quasi toda a sessão. O sr. Fausto de Figueiredo referiu-se largamente ao que se faz lá fóra, na Suissa por exemplo, onde são aproveitados cuidadosamente todos os motivos de turismo, inclusivamente a industria dos bilhetes postais, que deixa ao governo algumas centenas de contos por ano. O orador mostrou que em Portugal não há hoteis dignos desse nome; nem mesmo o Palace-Hotel do Bussaco, o que vem contrariar grandemente o desejo de que o nosso país seja uma das regiões de turismo mais visitadas da Europa.

SOLAR ALEGRIA

Os proprietarios do Solar Alegria, o atraente «restaurant» ha dias aberto ao publico na praça do mesmo nome, ofereceram ontem um jantar a alguns jornalistas. A festa decorreu animada, tendo-se trocado afectuosissimos brindes.

Rosa Cabral & Ferreira, Ltd.ª

E' convocada a Assembleia Geral desta Sociedade a reunir na Rua dos Sapateiros, n.º 62, 3.º, pelas 17 horas, do dia 13 de Julho proximo, para tratar da dissolução social.

Lisboa, 11 de Junho de 1921.—O Socio Gerente, *A. Rosa Cabral.*

Rosa Cabral & Ferreira, Ltd.ª

E' convocada a Assembleia Geral desta Sociedade a reunir na Rua dos Sapateiros, n.º 62, 3.º, pelas 17 horas, do dia 30 do mês corrente, para aprovação dos balanços de 30 de Junho a 31 de Dezembro de 1920.

Lisboa, 11 de Junho de 1921.—O Socio Gerente, *A. Rosa Cabral.*

Pelo Juizo de Direito da terceira vara civel da comarca de Lisboa e cartorio do escrivão Dias Ferreira, correm editos de trinta dias a contar da publicação do ultimo anuncio, citando quaisquer incertos para na segunda audiencia posterior ao praso dos editos verem acusar esta e marcar-se-lhe a terceira audiencia seguinte para deduzirem por meio de embargos qualquer defesa que tenham a opôr á justificação avulsa para habilitação em que D. Francisca da Assunção da Costa Mealha e D. Ana do Carmo da Costa Mealha, solteiras, maiores, proprietarias, moradoras em Paço d'Arcos, concelho de Oeiras, pretendem ser julgadas habilitadas como unicas e universais herdeiras de seu irmão Firmino José da Costa, falecido em cinco de Dezembro de 1920, no estado de solteiro, sem ascendentes nem descendentes, deixando testamento cerrado, em que dispõe de varios legados e nomeou herdeiras do remanescente dos bens da herança as justificantes na proporção de sessenta por cento desses bens para a primeira justificante e quarenta por cento para a segunda.

As audiencias fazem-se todas as terças e sextas feiras de cada semana pelas dez horas e trinta e sete minutos no tribunal da Boa Hora, não sendo dias feriados porque se o forem se fazem nos imediatos se tambem não forem feriados.

Lisboa, 2 de Maio de 1921.

O escrivão do 1.º oficio da 3.ª vara,
José Dias Ferreira.
Verifiquei a exactidão
O juiz de Direito da 3.ª vara
F. Pinto.

Ultimas Noticias

DE VISEU

O Congresso Beirão

O passeio a Lafões---A' sessão solene na camara presidiu o ministro do interior---O banquete em S. Pedro do Sul

VISEU, 13. — Realizou-se ontem, apesar do calor, o passeio á região de Lafões. Em S. Pedro do Sul os excursionistas tiveram uma entusiastica manifestação, organizando-se um cortejo até á camara municipal, onde houve uma sessão solene. Presidiu o sr. Abel Hipolito, ministro do interior, sendo secretarios os srs. Bartolomeu Severino e Matos Cid, ministro da justiça.

A proposito do acto da posse da colonia de Belgão, o sr. Abel Hipolito salientou a unidade das colonias agricolas.

O sr. Bartolomeu Severino agradeceu as referencias feitas pelo presidente da camara aos congressistas e aos jornalistas. Falaram ainda os srs. Fausto de Figueiredo, ministro da justiça e João Luiz Ricardo.

A' passagem por Vouzela e S. Vicente, repetiram-se as manifestações. Em Oliveira de Frades organizou-se um cortejo para o Alto do Olheirão, onde se realizou um almôço regional, servido por raparigas que envergavam os trajes regionais. No regresso, quando os excursionistas chegaram a Vouzela, houve uma grande manifestação, tendo-se organizado um cortejo de «camions» para o Alto da Senhora do Castelo. Ai foram servidas suculentas merendas, havendo bailes populares e descantes. Em S. Pedro do Sul realizou-se um banquete, onde brindaram diversos oradores. O regresso a Viseu fez-se pela 1 hora da manhã. Haviam poucas fogueiras pelos montes.

No Campo Viriato efectuou-se ontem um grande festival promovido pelas associações comerciais. A concorrencia foi enorme. O campo estava todo iluminado com balões á veneziana. Houve um surpreendente fogo de artificio e dansou-se muito.

(*Enviado especial*)

A festa da flor---As senhoras que procederam á venda

VISEU, 13. — Realizou-se hoje a Festa da Flôr. Gentilissimas senhoras desta cidade tomaram parte na venda. A comissão era presidida pela sr.ª D. Maria Elena Saldanha Serra. Fizeram a venda as senhoras D. Maria Angelina Meira, D. Maria Augusta Vaz, D. Maria de Bettencourt, D. Ema Santa Rita, D. Fernanda Vale, D. Antonia Melo, D. Leonor Cabral, D. Maria Beirão, D. Eduarda Gomes Teixeira, D. Maria de Lourdes Albergaria, D. Maria de Jesus Maia, D. Carlota Serpa, D. Conceição Albuquerque, D. Matilde Silva, D. Amelia Ruas, D. Amalia Barros, D. Berta Carvalho, D. Clara Lobo, D. Maria Helena Sobral, D. Maria Teresa Girão e D. Maria Armanda Girão.

(*Enviado especial*)

CARTAZ

Nacional—A's 21,15, «Simone».
S. Luis—A's 21, «Eva».
Gimnasio—A's 21,30, «D. Paco Manzanilla».
Politeama—A's 21,15, «Miss Diabo».
Avenida—A's 21,30, «Pipiola».
Apolo—A's 21,30, «Porto, tantos de tal...»
Coliseu dos Recreios—A's 21,30, Espectaculo pela grande companhia francesa de revista.
Salão Foz—A's 20,30 e 22,30, «Trolaró».
Teatro dos Anjos—A's quintas feiras, sabados e domingos—A revista «Boa Vida».
Teatro Gil Vicente (á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas-feiras, «A Rosa

:: A RUA ::

Um amante gatuno

O agente Amado, da policia de investigação, prendeu uma mulher, que diz chamar-se Rosalina Augusta da Silva, a qual, conseguindo colocar-se como criada da sr.ª D. Maria Carvalho Ferreira de Castro, rua do Alecrim, 38, 2.º, dali desapareceu com o melhor de três mil escudos. Após diligencias encetadas pelo mesmo agente, apurou-se, porém, que o furto foi feito sob a direcção do amante d. ladra, Paulo Anes Lopes, que tambem já foi preso, dando entrada nos calabouços do governo civil.

A vingança de um inglês

Um subdito inglês, que faz parte da tripulação de um vapor britanico surto no Tejo, lembrou-se de comprar a um individuo que o abordou no cais, um macaco, que pagou por duzentos escudos, após o que se dirigiu para um dos cafés da praça Duque da Terceira. Um vez ali, como o bicho lhe ferrasse uma dentada numa das pernas, agarrou-o pelas pernas e, friamente, britanicamente, esmagou o craneo do macaco, de encontro á lage do solo.

O vingativo inglês foi preso, sendo o cadaver do macaco enviado ao Instituto de Medicina Veterinaria, para exame.

Os electricos

Continuamos sem electricos. Os comerciantes projectam para as 21 horas de hoje, uma reunião, cujo resultado deverá ser comunicado, em memorial, ao sr. Presidente da Republica e ao sr. presidente da comissão executiva da Camara Municipal.

A' hora do nosso jornal entrar na maquina ainda os grevistas se encntram reunidos na sua associação de classe, discutindo a marcha da sua causa. Ao que se diz a Carris aguarda os resultados da melhoria cambial que se acentua dia a dia, esperando-se que ela lhe possa facultar um meio de atender as reclamações do seu pessoal.

Principio de incendio

Na casa Mimoso, da rua do Ouro, manifestou-se hoje de tarde um começo de incendio, que foi prontamente apagado pelos bombeiros, que rapidamente compareceram.

Os orçamentos das nossas colonias

Vai trabalhar-se para os pôr em vigor no dia 1 de Julho

No ministerio das colonias estão já sendo revistos os orçamentos enviados por algumas das nossas possessões ultramarinas e pedidos com urgencia os que faltam, pois está-se empregando toda a actividade, a fim de se conseguir que esses diplomas possam entrar em vigor no dia 1 de julho proximo, o que parece não se poder conseguir para todas, visto não terem dado entrada no ministerio todos os orçamentos.

Novo governador civil substituto

O acto da posse foi muito concorrido

Pelas 16 horas de hoje tomou posse do cargo de governador civil substituto, o major sr. Raul do Carmo Simões Pereira, sendo-lhe dada pelo governador efectivo sr. capitão Lelo Portela, que lhe salientou as qualidades de republicanismo e patriotismo.

Ao acto assistiu tambem o sr. Palha Blanco, abastado lavrador do Ribatejo, que na sua qualidade de monarquico, disse ter o maior prazer em assistir áquele acto da Republica, pois reconhece no novo governador nobres qualidades de patriotismo e de honradez.

O sr. dr. Reis Junior fala em seguida, referindo-se com palavras amaveis aos srs. Lelo Portela e Raul Pereira, dizendo ter grande satisfação em ver ali o sr. Palha Blanco.

Na posse, que foi bastante concorrida, estiveram os comandante e oficiais da policia, dr. Carlos Olavo e todo o pessoal da secretaria geral, os directores da policia de segurança do Estado, da investigação, policia administrativa e varios amigos pessoais do novo governador civil substituto.